

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/99- ANO III - Nº 34

EDITORIAL

A Constituição Federal, promulgada em 1988, é conhecida como “Constituição Cidadã”. Nos últimos anos, o termo cidadania é cada vez mais usado. Mas, até onde somos cidadãos? Cidadania é qualidade pela qual são exercidos os direitos e deveres sociais como forma participativa na comunidade.

Ser cidadão é ter consciência dessa participação. É fazer parte de uma comunidade. Não basta apenas pertencer à sociedade. Afinal, todos pertencemos. Ser cidadão significa ter direitos e sujeitar-se, conscientemente às leis do Estado constituído.

Neste final de século, num mundo globalizado, o fator conhecimento é cada vez mais decisivo para o progresso social e econômico, tanto da sociedade quanto dos indivíduos. Daí ser a escola o agente facilitador de acesso à informação.

Sem educação de qualidade e boa formação, estaremos fadados à exclusão. Os mais capazes e com maiores conhecimentos terão mais chances no mercado. Portanto, sem educação não há cidadania.

Assim, a FCR, através de sua Comissão de Literatura, convidou todas as escolas de Piquete a participarem de um concurso literário cujo tema foi “Sou cidadão?”. O objetivo do era propor aos alunos a discussão do papel de cada um e seus compromissos para com a sociedade.

Três das escolas convidadas acataram o convite e trabalharam o tema com os alunos. Ficamos surpresos com os textos apresentados, que mostraram conhecimento dos autores sobre o assunto proposto e a vontade desses jovens de participarem do dia-a-dia da cidade.

Pudemos perceber, também, que se torna cada vez mais importante a prática da cidadania participativa, através da qual cada indivíduo, nos diferentes segmentos de nossa sociedade, pode colaborar com o crescimento e melhoria da sua comunidade.

É preciso que as escolas busquem parcerias e tenham maior envolvimento com os diversos setores da sociedade.

Para que essa participação seja efetiva, é preciso que todos tenham acesso aos diferentes meios de comunicação e, através destes, possam adquirir maior número de informações.

Através da cultura e da educação é que conseguimos aprimorar a prática dessa cidadania participativa.



Reprodução

“Salve lindo pendão da esperança! Salve símbolo augusto da paz!”. 19 de Novembro - Dia da Bandeira

Dia da Consciência Negra: 20 de novembro

A abolição deu-se às avessas. Libertar foi o interesse da elite oligárquica quando as despesas na manutenção de escravos tornavam-se pesadas e insatisfatórias.

Libertos, os negros não tiveram possibilidades na escala social, senão favores concedidos através de acordos privilegiando sempre a classe mais forte.

Os imigrantes representavam para os grandes proprietários mão-de-obra mais rentável. A queda da produção cafeeira valeparaibana foi um dos motores dessa ação.

A princesa Isabel referendou, de fato, uma situação esgotada no modelo.

Por sua vez, Palmares significa resistência, e como tal é vista pelos negros que, em suas comunidades nacionais, tradicionais e intelectuais, vêem na figura de Zumbi o possível libertador.

Afinal, Palmares não foi um quilombo qualquer: não era um amontoado de fugitivos, um caos indistinto de protesto contra a escravidão, mas um verdadeiro Estado civilizado. Foi o que levou à brutalidade de sua destruição e à martirização de seu líder.

Em Piquete, a Raia é um de nossos principais bairros.

Representado na sua singularidade, firmou-se como habitat da população negra.

Tornou-se símbolo de importante parcela representativa do povo piquetense e, como tal, deve ser referenciado. Nossa maioria negra, ou por

meio dela matizada na pele, demonstra, na cultura, na organização sócio-religiosa e familiar as evidências de um conjunto rico de informações e propósitos.

Trazidos para o Brasil como escravos, os negros foram separados dos grupos a que nacionalmente pertenciam, mas a escravidão que separa permite unir o que foi separado. Submetidos ao trauma das separações e do domínio da classe dirigente, religados pelo sincretismo religioso e a mestiçagem cultural, incorporaram, a seu modo, os modelos das imposições e os reproduziram.

Nas senzalas, nome originado da cultura quimbunda de Angola, no sentido de aldeia, as comunidades se integraram e reestruturaram seus laços por meio das tradições orais, cultos, danças, festas. Seja nos quilombos, ou nos bairros da segregação, ou nos pátios, terreiros e logradouros públicos, nos quais são evidentes os traços da exploração econômica e subordinação social, a presença negra marca, com força, o seu destino e os seus significados.

É dessa forma que a cultura negra no Brasil, no sofrimento, reinventou e resistiu, criou-se e impôs, no trânsito entre bantos e sudaneses em suas subdivisões e miscigenações, a marca vital que qualifica os brasileiros de modo especial na sociedade humana globalizada. **Dóli de Castro Ferreira**

Imagem - Memória



Alunos do Patronato da Fábrica de Pólvora e Explosivos de Piquete, no campo do Estrela. Ao centro, Cabo Marinho. Foto de 07-09-1940

O Patronato da Fábrica de Piquete

Há sessenta anos, em novembro de 1939, foi criado, pela Fábrica de Pólvora de Piquete, o Patronato.

Meses antes, em 2 de maio, o Presidente da República, Getúlio Vargas, sancionou o decreto-lei no 1238, que determinava a criação de cursos de aperfeiçoamento profissional para adultos e menores nos estabelecimentos fabris. O diretor da Fábrica, Coronel José Gomes Carneiro, encarregou o Capitão Olegário Marcondes de estabelecer um patronato com a finalidade de recolher e amparar “meninos de rua”, os quais seriam os futuros aprendizes para um curso profissional, a fim de atender e formar jovens especializados para os serviços da própria Fábrica.

No início do mês de novembro, a molecada, atendendo ao convite do Capitão Marcondes, compareceu em massa ao estádio do Estrela. Foram selecionados quarenta jovens: Peru, Eurico, Jacinto, Roberto, Elísio, Hugo Coelho, Hugo Prado, Felisberto, Trotipe, Domingão, Dalton, Sapucaia, Borginho, Curió, Divã, Milton Chocolate, Argemiro, Ditinho, Miguel, Faustino, Zé Damico, Zé Rosa I, Zé Rosa II, Lacerda, Bueno, Ramos, Odair, Hélio Tico-Tico, Daniel, Zé Gonçalves, Pescoço, João Pinto, Durvalzinho, Jair Balão, S. Fernandes, Alemão, Blindado, Mané Leal, Ilton e Vicentinho.

Oficialmente, o “Patronato da Fábrica

de Piquete” foi fundado em 19 de novembro de 1939, com a matrícula de 30 alunos. Dez, dentre os escolhidos, não efetuaram matrícula, foram dispensados ou admitidos diretamente pela Fábrica.

Há que se registrar que a idéia inicial era realmente a de um Patronato, em outras palavra, a criação de um alojamento para abrigar os menores desamparados e ali, então, lhes dar instrução.

Porém, novos rumos foram traçados. O esquema estabelecido com os trinta alunos matriculados era este: às 6 horas da manhã, tinham, na quadra do Contingente ou no campo do Estrela, Educação Física até as 7 horas, sob o comando do Cabo Marinho. Às 8 horas, os alunos todos deveriam estar na Fábrica, nas oficinas de carpintaria, mecânica, fundição etc, de acordo com o que haviam escolhido. Os velhos mestres dessas oficinas ficavam apoquentados com aquela molecada irreverente transitando por ali. Às 16 horas eram dispensados.

Às 18 horas deveriam rumar para o Contingente onde, até às 20 horas, receberiam aulas de Português, Matemática, História do Brasil, Geografia...

Em 10 março de 1940, deixa a direção da Fábrica de Piquete o Cel. Gomes Carneiro. Assumiu, interinamente, a direção geral do estabelecimento, o Tenente Coronel Waldemar Brito de Aquino, que indica para chefe do Patronato o

jovem Cap. José Pompeu Monte.

Idealista, o Cap. Monte pensava que o Patronato não era o ideal. Bom seria criar uma escola industrial, com educação acadêmica e profissionalizante. E, da idéia à realização foi apenas um passo: com a colaboração de vários funcionários da Fábrica, criou a Escola Industrial Masculina, marco inicial do Departamento de Assistênica Educacional da Fábrica Presidente Vargas. Assim, várias gerações de piquetenses, inclusive adultos, tiveram a oportunidade de ouro para a aquisição de conhecimentos técnicos e/ou intelectuais. O Patronato, cuja data de criação comemoramos em novembro, foi o início dessa grande obra.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Neto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

D'Amico

“Seu” D'Amico. É assim que é conhecido em nossa cidade o Sr. José Osmar D'Amico.

É piquetense, nascido a 23-01-25, filho do casal Duílio D'Amico, cabo instrutor de tiro que veio do Paraná para servir no Contingente da Fábrica Presidente Vargas, e Floriana Vianna D'Amico, sobrinha de Targino Cunha, conhecido Mestre da Fábrica.

Hoje, após 41 anos de trabalhos, vive ao lado da esposa, D. Dulce Bittencourt D'Amico, e da filha, Profa. Laura Bittencourt D'Amico, ainda com o mesmo espírito participativo e atuante que sempre marcou sua vida.

Seu D'Amico ingressou na Fábrica, em novembro de 1939, através do Patronato criado pelo Capitão Marcondes e base da formação da Escola Industrial da Fábrica Presidente Vargas. Recorda-se, com muito respeito, dos professores Sargento Pedro Mazza e Cabo Marinho.

O início, chamado de “emergência”, deu-lhe as noções básicas para que pudesse acompanhar o curso. Em seguida foram as aulas de aprendizagem ministradas nas oficinas da Fábrica e, depois, as teóricas, já no prédio do Contingente.

Após a conclusão, passou a trabalhar na Escola Industrial como examinador dos trabalhos dos alunos.

Ficou nessa função até 1958, quando foi escolhido para secretariar a direção geral da Fábrica. O primeiro a quem secretariou foi o Cel. Edgar de Abreu e Lima. Ficou nessa função até 1971. Cultiva com carinho o orgulho de ter sido o primeiro civil da Fábrica a receber, em 6-08-68, a Ordem do Mérito Militar, com o que foi admitido no Corpo de Graduados Especiais no grau de “Cavaleiro”.

Durante esse período participou sempre da vida da cidade. “Sempre dei minha parcela de contribuição”, diz, com orgulho. Podemos encontrar sua participação em vários momentos de nossa cidade, como membro de diversas instituições como SAP, Montanhês, na Banda de Música da cidade



e do Colégio Industrial e, principalmente, no nosso querido Estrela Futebol Clube.

Seu D'Amico é parte importante da memória de nosso futebol: em 1950, passou a ser Diretor de Esportes, cargo em que permaneceu por 16 anos. Depois, como Presidente do time foram mais 10 anos, até o seu final, em 1976. A divulgação do nosso esporte também era feita por ele: durante 24 anos foi correspondente da Gazeta Esportiva. Conta que há pouco mais de um ano ainda foi procurado para dar informações sobre a história do Estrela por uma importante publicação esportiva.

Foi também através de Seu D'Amico que muitas famílias se formaram. Em 1976, por indicação do Sr. Ari de Melo Franco, oficial do cartório, passou a ser o Juiz de Paz de Piquete. Desde então, já realizou 2425 casamentos. Atualmente, apesar de ainda ser o titular do cargo, realiza apenas os que não podem ser realizados por seu substituto. É um exemplo para seus noivos, já que está casado com Dona Dulce há 51 anos, desde 10-07-48.

Nossa Bandeira

Com a proclamação da República e o fim da monarquia, em 15-11-1889, foi hasteada, na redação do jornal “A Cidade do Rio” e na Câmara Municipal, no mesmo dia, uma bandeira composta de 13 listas horizontais - sete verdes e seis amarelas - com um quadrado azul interrompendo as cinco primeiras, com 21 estrelas prateadas, divididas em quatro grupos de quatro estrelas e um único grupo de cinco. Essa bandeira foi adotada por apenas 4 dias e ficou conhecida como bandeira Provisória da República.

Por um decreto do Governo Provisório, de 19 de novembro de 1889, redigido por Rui Babosa e assinado por Marechal Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisório, Quintino Bocaiúva, Aristides da Silveira Lobo, Rui Barbosa, M. Ferraz de Campos Sales, Benjamin Constant Botelho de Magalhães e Eduardo Wandenkolk, ficou instituída nossa atual bandeira, idealizada por Teixeira Mendes, com a colaboração de Miguel Lemos. O professor Manuel Pereira Reis foi o responsável pela organização das estrelas e o desenho foi executado por Décio Villares.

Num documento chamado “Apreciação Filosófica”, publicado no Diário Oficial de 24-11-1889, explicava-se a criação da bandeira:

Retângulo e losango: Teixeira Mendes não faz grandes explicações sobre esses detalhes, pois deixa bem claro o motivo da permanência de ambos os símbolos: “... o símbolo nacional devia manter do antigo tudo o que pudesse ser conservado, de modo a despertar em nossa alma o mais ardente culto pela memória de nossos avós.” A única alteração é que o losango não está inscrito no retângulo, ou seja, não toca os lados do retângulo como na Bandeira Imperial.

Esfera: representa o nosso céu.

Faixa: essa dá ao círculo a perspectiva de uma esfera. É uma idealização da linha zodiacal.

Legenda: “Ordem e Progresso” é um resumo do lema de Augusto Comte, criador do Positivismo, do qual Teixeira Mendes era adepto. O lema completo é: “O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim”.

Estrelas: “Era preciso figurar um céu idealizado, isto é, compor uma imagem que em nossa mente evocasse o aspecto de nosso céu...”, por isso, não devemos ver nessa bandeira o céu como ele realmente se apresenta. As 21 estrelas (atualmente são 27) mostram os aspectos do céu do Rio de Janeiro nas primeiras horas da manhã do dia 15-11-1889 e representam os Estados e o Município Neutro do Brasil. Vale lembrar que as estrelas estão posicionadas como se estivessem sendo vistas do espaço, e não como sendo vistas da Terra. Além disso, não estão representadas em suas respectivas grandezas.

LGDJ

Esporte Clube Estrela e Sr. José Osmar D'Amico (3º, em pé, à direita).



Foto arquivo Pro-Memória

Memorial dos Moradores de Piquete - 4

Décio

1. As origens de nosso entrevistado

Décio Guimarães é um homem cuja presença marcante em nossa cidade retrata o chefe de família dos eleitos modelos de formação sólida e bem exemplificada. Possui a sabedoria combinada com o bom humor, o que o torna um espírito iluminado. Nasceu em 4 de outubro de 1914, filho de Alfredo Guimarães e de dona Martinha Oliveira Guimarães. Ele frisa que nasceu no Engenho Central de Lorena, onde seu pai trabalhava e a família habitava. O pai, encarregado dos negócios do engenho, viajava freqüentemente para São Paulo e, após seu falecimento, a família mudou-se para Cachoeira Paulista.

Décio é o caçula entre os 17 filhos do casal, dos quais sobreviveram: Henriqueta, Percival, Leonor, Alfredo Luiz, Benedito, Adília, e o próprio.

A irmã Leonor, formada professora pela Escola Normal Conselheiro Rodrigues Alves de Guaratinguetá, tornou-se chefe da família por morte do pai, e a escolha de sua cadeira no magistério estadual passou a ser indicadora da residência familiar. Assim, de Cachoeira Paulista, a família mudou-se para Piquete com Leonor, que estava lotada para o Grupo Escolar de Piquete.

Aqui chegaram em 1928.

Dona Martinha trazia a tradição de boa dozeira, desde Lorena, onde, segundo Décio, ocupava o segundo posto entre as melhores, admitida como primeira dona Constância Azevedo.

Dona Martinha, possuía a beleza tranqüila das mãos bem sucedidas e amadas, e de suas mãos saíam os saborosos doces e quitutes que a tornavam rainha. A família residia num casarão de aparência sólida e cerimoniosa que ainda existe na Praça Marechal Mallet.

Décio crescia rodeado pelas irmãs Leonor e Adília, que dele cuidavam com amor e dedicação plenas. Contribuíram, eficazmente, para torná-lo bom moço, trabalhador, congregado mariano e apreciado pelas virtudes.

Foi uma alegria encaminhá-lo para o Seminário de Taubaté, onde esteve por dois anos, e aprimorou-se nos estudos.

À volta, Décio teria de se candidatar a um emprego, e seus indicadores de rapaz de boa família e ex-seminarista garantiam a possibilidade de boa colocação.

Trazia do berço a vontade firme, e do conjunto familiar, os bons exemplos.

2. Décio no trabalho

O primeiro emprego foi o de caixeiro na loja de seu Joca (Joaquim de Castro), um magazine de referência importante no comércio local.

Ser caixeiro era um ofício reservado aos bons moços de família, de boa estrutura educativa e escolar. Tratava-se de profissão masculina, pois as moças não saíam de casa para trabalhar, dedicadas apenas aos labores domésticos. No comércio, somente as esposas, eventuais viúvas dos proprietários, e filhas apareciam em funções.

Em segundo ofício Décio empregou-se na Fábrica de Piquete. Ao chegar, foi recebido pelo então diretor, o Coronel José Gomes Carneiro, que o selecionou pela aparência forte, ao lado de outros sete companheiros, para as oficinas do Trotil.

A designação de Décio para o Trotil não foi recebida com animação, pois a oficina emanava um gás tóxico de cor amarela, que, no dizer dele, era uma fumaça perigosa.

Desanimado da probabilidade desse novo emprego, Décio retirava-se desgostoso, preocupado com o futuro imediato. Afinal, queria e precisava trabalhar. Encontrou-se nesse estado de ânimo com o Apontador Geral, o Zé de Castro, que o cumprimentou e soube do acontecido. Procurando animá-lo, levou-o ao CEP, órgão dedicado à burocracia do pessoal e ao Argemiro Palma, encarregado do setor. Este interessou-se pelo aproveitamento de Décio na atividade burocrática e apresentou-o ao Coronel José Pompeu Monte.

Acabou designado para trabalhar na 3ª Divisão, com o Professor Augusto Ribeiro

de Souza, louvado por Décio por sua capacidade e dotes intelectuais. Trabalhando na Tesouraria, ao lado de Venino Vieira Soares, Décio permaneceu por três anos na Fábrica, entre os anos de 1938 a 1941. O salário de 400 mil réis era considerado baixo para quem estava querendo casar-se. Acabou deixando a Fábrica.

3. O casamento é uma história de amor - Ação de Cupido

Nosso entrevistado já estava em condições de constituir, solidamente, seu próprio lar. Ficou inicialmente comprometido com Adélia, da vizinha cidade de Lorena, mas seu coração mostrou-se inquieto ao conhecer Josepha Beraldo, de importante família da sociedade local. Porém, esta, por sua vez, tinha um comprometimento com Manoel, em Cachoeira Paulista.

O destino endereçou as principais decisões. A noiva de Décio, Adélia, morreu vítima de uma tuberculose chamada "galopante", e Josepha (Fifina, para os amigos) desistiu de Manoel.

Assim, flechado por Cupido, Décio fez o pedido de casamento, em 1940, e o enlace realizou-se no ano seguinte a 31-01-41. Destarte, dona Josepha Beraldo Guimarães, como passou a assinar a jovem nubente, tornou-se esposa de Décio até à morte, em 09-02-97. Foram 56 anos de vida matrimonial de imorredoura lembrança.

Da feliz união, no relato apaixonado do esposo, nasceram cinco filhos, todos do sexo masculino: José Alfredo, Afonso Celso, Luiz Fernando, Paulo Roberto e Mauro Humberto. Possui 11 netos e um bisneto.

4. A vida continuada no trabalho

Na sequência dos fatos, relata, ainda, ter ingressado como funcionário na Caixa Econômica Estadual, depois que encerrou as atividades de comerciante. Após um ano e meio, recebeu proposta para trabalhar em Santos, onde vislumbrou a possibilidade de dar melhor educação para os filhos, o que de fato aconteceu.

Após um ano e oito meses de atividade, regressou para Lorena, com a família, onde se tornou funcionário municipal e, em seguida, Secretário da Prefeitura. Nessa função permaneceu de 1958 até 1961. A partir desta data, passou a ocupar cargo de confiança, em assessoria, no qual permaneceu até 1997.

Aposentado, Décio vive em Piquete, sempre na rua Cel. Luiz Relvas, de suas belas lembranças, da recordação do feliz matrimônio com dona Josepha, do orgulho da família bem estruturada, da memória dos pais e irmãos, e do carinho dos amigos, que nele vêem sempre uma força agigantada, não só pela altura física. Um sorriso macio e um par de olhos vivazes e brilhantes completam sua imagem.

O cultivo da espiritualidade faz dele um homem mais forte, que se despediu de mim com uma bela frase: "A palavra é como um bravo corcel, uma vez proferida, jamais será alcançada".

Ao Décio, pela intensa lucidez, energia e exemplo, as nossas homenagens.

Dóli de Castro Ferreira – Entrevista em abril de 1999.

Congregados Marianos de Piquete. Foto da década de 40.



Foto arquivo Pro-Memória

“Prêmio Literário - FCR 99”



Foto arquivo Pro-Memória

Grupo de adolescentes que participaram da entrega do “Prêmio Literário - FCR 99”.

O “Prêmio Literário - FCR 99” foi proposto para as escolas de Piquete com o objetivo de se trabalhar com crianças e adolescentes o tema “Sou cidadão?”. Esse tema visou à mensuração do nível de conhecimento do público-alvo a respeito da cidadania e do seu poder de participação na sociedade.

Três jurados elegeram as melhores re-

dações das duas categorias de Ensino Fundamental : Cléa Maria de Gouvêa, Telma Puls Valim e Eunice Ferreira. Outros três a de Ensino Médio: José Palmyro Masiero, Myrthes Mazza e Márcia Mazza. Todos atribuíram notas de 0 (zero) a 10 (dez) a todas as redações. Foram tiradas as médias para que se determinassem os vencedores de cada categoria.

Os nomes dos vencedores foram conhecidos apenas no dia da entrega dos prêmios, já que não era conhecida a correspondência entre os nomes dos alunos e seus pseudônimos enviados.

As escolas e todos os alunos classificados receberam diplomas. Os três primeiros lugares de cada categoria receberam placas e camisetas da FCR.

O objetivo de despertar a cidadania nos alunos foi alcançado. Esperamos contar, no próximo ano, com maior colaboração das escolas, trabalhando ainda mais o tema que será proposto e efetivando o contato FCR - Escolas, que, acreditamos, seja muito benéfico para ambos os lados.

Os alunos vencedores foram:
Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries:
1º lugar: Vanessa Rodrigues dos Reis, da Escola Prof. Leopoldo;
2º lugar: Jefferson Will da Silva, da Escola Antônio João;
3º lugar: Juliana Maria de Souza Ferreira, da Escola Antônio João

Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries:
1º lugar: Lucas Schmoeller P. Rodrigues, da Escola Professor Leopoldo;
2º lugar: Suellem Pinto Levindo, da Escola Profa. Leonor Guimarães;
3º lugar: Waldir B.de Oliveira Júnior, da Escola Prof. Leopoldo M. M. Netto;

Ensino Médio, da E.E. Profa. Leonor Guimarães:
1º lugar: Alda Luciana Neves Viana;
2º lugar: Rodrigo Nunes Godoy;
3º lugar: Edízio Alves Peixe Júnior

Sou cidadão?

Ensino Médio
Aluna: Alda Luciana N. Viana

A cidade onde moro é considerada tranqüila. Como cidadão, gozo dos direitos que me são concedidos por lei. Sendo habitante do município, reivindico mais investimentos para que ele não acabe em ruínas e o nosso patrimônio histórico não se perca no tempo. Às pessoas que atuam nesses departamentos peço que sejam coerentes para com os propósitos para os quais foram designadas.

Quanto aos meus direitos, tenho autonomia para escolher um representante com novas idéias de que a cidade necessita. Que o cargo por ele exercido não seja apenas um emprego para autopromoção e sim para o bem-estar da sociedade.

Como cidadão, tenho livre acesso para me locomover, desde que não ultrapasse os limites e invada os direitos do próximo. Tenho uma vida idônea, tenho o dever de cobrar todos os direitos por mim conquistados dentro da Constituição e os direitos humanos.

Com esses direitos que me foram dados para eu ter uma vida melhor, também tenho meus deveres como cidadão; procuro nunca burlar qualquer lei do código civil ou penal, para não sofrer as sanções que estão previstas nesses códigos.

Como cidadão, tenho direitos e deveres para com minha cidade e sociedade, e espero estar dentro do que me foi colocado e que possa atender às necessidades de ambas as partes, para que a minha cidadania não seja uma conquista em vão.

Planeta Cidadania

Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série
Aluno: Lucas S. P. Rodrigues, 11 anos

Um dia, enquanto eu fazia tarefa em meu quarto, vi uma luz na janela. Era um disco voador. Dele saiu um ET chamado Gloing. Ele me convidou para ir ao seu planeta cujo nome era Cidadania.

Logo depois ficamos amigos, entrei no disco voador. Era maravilhoso, cheio de botões. Gloing apertou um botão e começamos a viajar. Vi planetas, cometas, galáxias, constelações, meteoros e asteróides.

Ao chegarmos ao planeta Cidadania, descemos da nave e ele me disse que havia me escolhido para resgatar a cidadania de todo o planeta Terra.

Vi uma cidade grande, tudo era limpo e tranqüilo, todos trabalhavam e depois descansavam.

Gloing me levou a um lugar chamado refletidor. Lá eu deveria refletir sobre cidadania e me perguntar: sou cidadão? E se todos da Terra o eram.

Feito isso, comecei a pensar:
“Às vezes eu não cumprio meus deveres em casa, não faço tarefa e exijo meus direitos. Estou certo? Às vezes só penso em mim e esqueço do mundo.”

“E o Brasil e o mundo são cidadãos? Seus povos são respeitáveis? Não, nem todos. Muros, bancos, ônibus e outras coisas públicas são rabiscados e pichados, isto não é certo. Existem ruas sujas porque o povo joga lixo na rua e também nos rios, e as pessoas desrespeitam muitas vezes a natureza.”

Depois de pensar e refletir, percebi que precisamos mudar. Gloing levou-me até a nave e voltamos à Terra. Durante a viagem, ele havia me falado que eu deveria mudar a cidadania da Terra quando crescesse. Nunca mais me esqueci desse fato.

Sou cidadão?

Ensino Fund. de 1ª a 4ª série
Aluna: Vanessa R. dos Reis, 9 anos

Sou cidadão.
Sou pessoa, sou criança, e tenho esperança.

Sou cidadão.
Sou criança dedicada, e quero ser respeitada.

Sou cidadão.
Respeito sempre o meu próximo, dando de mim, o máximo.

Sou cidadão.
E não perco a mania de viver a cidadania.

Alunos premiados pela FCR.



Foto arquivo Pro-Memória

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

Resgatar - Restaurar - Preservar

Para meu amigo Nelo Pelegrine

Resgatar o passado e restaurar o que o tempo feriu impiedosamente é concorrer para a preservação da memória histórica e estabelecer elos com os que, consciente ou inconscientemente, ajudaram a construir a nossa cidadania.

Preocupamo-nos com as famosas obras de arte, atestados grandiloquentes da criatividade humana, mas nos esquecemos de conservar pequeninas coisas e humildes objetos – um castiçal esmaltado e lascado, com vãos de borboletas, uma tigela de louça trincada e gasta, com flores esmaecidas, um crucifixo de madeira, enegrecido, em que a piedade imprimiu manchas de beijos e toques, uma fotografia amarelada, uma pintura ingênua...

Não atentamos também para a depredação de monumentos que a incúria dos homens promove, a cada dia, com frieza e insensatez.

Digna de elogios a atitude dos moradores do Bairro da Cabelinha, em Lorena, que, corajosamente castraram projeto maligno de derrubada de uma árvore centenária, e ei-la, hoje, lá, resguardada da destruição, bela no reverdecer dos galhos, ornamento de uma praça onde velhos e crianças lhe disputam o frescor da sombra.

Piquete, infelizmente, sempre foi palco de atentados à arte e à cultura. Basta um olhar ao passado e melancolicamente constatamos uma ação dissolvente e dilapidadora. Desapareceu o coreto da atual Praça Leonor Guimarães, onde, na infância, éramos musicalizados pelos acordes das retretas. Desapareceu, também, a capela do Santo Cruzeiro e a consagrada a Santa Isabel, nas imediações da fazenda do Seu Toninho Vilela. A antiga matriz de São Miguel, despojaram-na de quase tudo: o confessionário, a pia batismal, os quadros da Via-Sacra, um dos sinos e o púlpito de madeira. Demoliram as duas capelas laterais e deixaram que os cupins lentamente roessem a solenidade escultural do altar mor. A pequena imagem barroca do padroeiro, vinda da Europa, não sabemos onde e com quem está. Só faltou despirem o velho templo do relógio “Michelin” e dos galos de lata das torres arredondadas.

O abandono e o descaso fazem parte do atual estado em que se encontra a Estação Ferroviária “Rodrigues Alves”.



Foto arquivo Pro-Memória

Na igreja de São José, cobriram com tinta a óleo o afresco que tematizava o drama do Calvário e os anjinhos seminus das paredes, esvoaçantes, guirlandas nas mãos – tudo obra do consumado pintor piquetense Otávio Cândido Ribeiro.

Do Hotel das Palmeiras, luxo e requinte de uma época, restam apenas alguns cômodos transformados em residência.

Derrubaram os casarões senhoriais de largas janelas, a cujas portas sentavam-se as famílias para bate-papos nas noites de verão.

Do trezinho dos operários ficou-nos uma lembrança poética e agudo sentimento de perda; e a Estação Rodrigues Alves, cenário de tantos acontecimentos com que se teceu a nossa história, jaz relegada ao abandono, ninho de morcegos e ratas.

Pouca coisa restou nesta nossa terra para suscitar uma sondagem do passado. Felizmente o trabalho incansável da Profa. Dóli de Castro Ferreira, com saborosas crônicas nobre nossas ruas e nossa gente, os humorísticos textos do Palmyro Masiero sobre nossa antiga paisagem social, os dados folclóricos fornecidos pelo Sr. Carlos Vieira Soares, o livro de memórias “Minha terra... Minha gente... Minha vida...”, do Prof. João Vieira Soares e o resgate de fotografias empreendido pelo Dr. Antônio Carlos Chaves vêm sendo uma contribuição ímpar à recriação de nosso espaço mítico-afetivo.

Ressalte-se o respeito para com o jambeiro da Praça José Vieira Teixeira, salvo do abandono e da morte, para novas floradas e alegria das crianças. O jambeiro, já transfigurado liricamente em crônica pelo Nelo Pelegrine, é um marco de reminiscências para muitas gerações.

Os objetos antigos, os monumentos e as velhas árvores são como selos ou moedas, sinais emblemáticos que nos remetem a uma peregrinação em busca de nossas raízes e de nossa identidade cultural. São um apelo à razão e à sensibilidade. Urge conservar o que escapou da diluição, para que não reste apenas uma fotografia na parede ou no álbum de recordações.

Crônicas Pitorescas

Tropa na Rua

Palmyro Masiero

Há cem anos e alguns trocados, os vereadores oposicionistas ao Intendente José Mariano, Cel. Luiz Relvas e Virgílio Soares renunciaram aos seus mandatos (5-8-1899), assumindo suas cadeiras os Srs. Custódio Vieira da Silva Júnior e José Chrispim de Castro. Desafino: saíram dois da oposição, entraram dois da situação.

A Terra dobrou a esquina do século, não se acabou e nem sentiu o perigo de algum “bug”. Reelegeu-se Intendente, em 7-1-1900, o Ten. José Mariano. Em 2 de junho, o Ver. José Chrispim de Castro apresentou um projeto, transformado em lei em 4 de Julho, que provocou o maior sururu na paróquia. O Artigo 2º dizia: “Todas as casas de negócios fecharão às des horas da noite em dias úteis e das des as dose horas do dia nos domingos e dias santificados, sob pena de vinte mil reis de multa.”

Dia 8 a caçarola foi pro fogo. O Cel. Luiz Relvas não obedeceu à lei. Batata! No mesmo instante o secretário da Câmara, Augusto Ribeiro da Silva, o fiscal Sylvio Pellico e um praça dirigiram-se ao proprietário da firma Relvas & Figueiredo e indagou, o fiscal, se ele tinha conhecimento da lei de cerrar as portas entre 10 e 12 h, aos domingos. A resposta foi que sim; justificou o ato alegando que, sendo fazendeiro, pagava seus camaradas nesse horário e na loja.

Como o problema não era dele, o fiscal lascou a multa de “20\$000” contra a firma. Luiz Relvas aceitou pagar, mas com a condição de manter as portas abertas. Ante o impasse, as duas autoridades mandaram o praça chamar toda a força policial dá vila: 6 soldados!

Logo a “tropa” apresentou-se e postou-se frente à casa comercial, com suas armas apontadas para o armazém. Chegou o Intendente que deu ordens à força para que não permitisse a entrada de ninguém no estabelecimento. Ordem dada, retirou-se, deixando o cabo da milícia com a responsabilidade de fazer com que a lei fosse cumprida.

Ali, “de armas embaladas e ensarilhadas”, o cabo e seus soldados permaneceram até que os ponteiros deram as doze badaladas. Missão cumprida. A justificativa da lei estava no fato de ser a missa domingueira repleta de fiéis e, estando fechadas as casas de negócios, o povo movimentaria as ruas da Vila.

O Cel. Luiz Relvas escreveu ao jornal “O Município”, da cidade de Lorena, relatando o acontecido em minúcias. O jornal, órgão do Partido Republicano e da ala política do missivista, além de publicar a carta, ainda fez um comentário próprio deitando e rolando gozação ao nosso Intendente. Quase ao final de seu comentário, escreveu o colunista: “E é assim que vai se acabando o século das luzes e do progresso, o chamado século19”.

Vamos terminar do mesmo modo em que encerrou sua crítica: “Oh! Ferro!...”



Foto arquivo Pro-Memória

Vista da Exposição de Artes Plásticas. ao fundo: o artista “Kiko” com sua flauta.

Exposição de Artes Plásticas

Aconteceu, no dia 30-10-99, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, a “Mostra de Artes Plásticas”. Realizada pela Fundação Christiano Rosa, contou com trabalhos de vários artistas: Anacyr Araújo, Antônio Carlos Chaves, Taninha Chaves, Eunice Fernandes, Lúcio Meireles, Paulo Nader, Dulciléa Amaral, Darti Cléa Amaral, Cléo Lájóia, José Carlos de Lima (Caco), Roberta Bonifácio, Nê Pacheco e Conrado.

A FCR procurou mostrar os trabalhos de piquetenses para a nossa comunidade. A resposta foi excelente. Grande número de pessoas visitou a exposição, impressionando-se com a qualidade dos trabalhos. Escolas da cidade, mais uma vez, levaram seus alunos para visitar a mostra, atendendo ao chamado da FCR, que tem como principal público alvo as crianças em idade escolar.

Projeto de Saúde Bucal

A FCR realizou, no Bairro dos Marins, no dia 10-10-99, o Projeto Piloto de Saúde Bucal. Com o apoio da Dra. Sandra Maria Barbarini Pedro, atendeu 22 crianças, de 4 a 13 anos. Foi apresentado um vídeo que ensina a escovação, feita observação dos dentes das crianças, escovação supervisionada e aplicação de flúor. Com o apoio da Dental Prev, empresa de Lorena, que, gentilmente doou 100 escovas de dente, todas as crianças presentes, e também os adultos, receberam escovas novas.

A prevenção é a palavra-chave para alcançarmos uma melhor condição bucal.

Em nossa comunidade é grande a lacuna deixada pela falta de programas preventivos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estipulou um índice que indica o número de

dentes cariados perdidos e obturados (CPO-D). Serve como padrão para uma comparação da qualidade bucal de crianças entre 4 e 12 anos. O índice aceitável é 3,0.

Após o projeto, com uma tabulação dos dados recolhidos, apesar de um universo pequeno, chegou-se a um índice CPO-D igual a 6,6. A situação é, portanto, grave. É necessário que a Odontologia Preventiva seja implantada em nossa cidade. Não podemos aceitar a Odontologia Curativa, que é mais enfatizada por ser mais eficaz no tocante ao marketing político.

A FCR levará adiante projetos como esse, realizando-os em outros bairros de nossa cidade, com maior número de crianças.

LGDJ

À esquerda, D. Inês, líder comunitária e colaboradora do projeto



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

FCR e a cidadania

No Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” aconteceu, na noite do dia 13-11, a abertura da exposição “Monteiro Lobato – Vida e Obra” e “Mazzaropi”. Montadas pela Universidade de Taubaté - UNITAU com material iconográfico de excelente qualidade.

Na ocasião, ocorreu o lançamento do “O Estafeta Teen”, informativo direcionado ao público jovem, preparado por adolescentes de 8ª série e 1º e 2º anos do ensino médio de escolas de Piquete, em uma oficina de jornalismo orientada por alunos graduandos dessa área, da UNITAU, e a entrega do “Prêmio Literário - FCR 99”.

Monteiro Lobato, o maior escritor brasileiro de Literatura Infantil, é considerado o autor que mais escreveu para crianças, em todo o mundo. Em apenas um quarto de século, entre 1925 e 1950, vendeu mais de 1,5 milhão de livros, uma proeza numa época de divulgação incipiente, quando a mídia praticamente inexistia ou era precária. Lobato firmou-se como um dos escritores brasileiros que mais se preocuparam com o progresso do país.

Em vida, Lobato foi uma das mais discutidas figuras públicas do país. Além da obra que o projetou, tornou-se conhecido pelo seu polêmico engajamento em causas nacionalistas, como a do petróleo.

Advogado, fazendeiro, empresário e editor, Monteiro Lobato destacou-se também pela participação na política.

O universo imaginário de seus personagens povoou o imaginário das crianças brasileiras: quem não conhece os habitantes do “Sítio do pica-pau amarelo”? A rebeldia da boneca Emília, irreverente, sagaz, questionadora, é a própria criança. Um outro personagem, o “Jeca Tatu”, símbolo da miséria e do abandono do homem rural valeparaibano, foi imortalizado nas telas do cinema por Mazzaropi.

Amâncio Mazzaropi personificou o personagem do texto. Fez rir e chorar gerações de brasileiros que lotavam as salas de projeção para assistirem seus filmes. Faz parte, também, da memória nacional.

Essa belíssima exposição, montada pela UNITAU, representa e divulga esses dois exemplos de cidadania. Cada um, com seus diferentes instrumentos de trabalho, contribuiu para a cultura nacional.

À direita, o Prof. Felício Murad, chefe do Departamento de Comunicação da UNITAU



Foto arquivo Pro-Memória

REDESCUBRA SUA CIDADE



Rua Coronel Pederneiras

Rua Coronel Pederneiras

O “Código Municipal da Villa Vieira do Piquete” aprovado pelo Prefeito José Dias da Silva, através da Lei nº 61, de 5-11-1914, no seu Art. 245 diz: “O perímetro da cidade é o que está estabelecido nas leis nº 37 de 5-3-1908 e da de nº 51 de 19-4-1913”. Em certo trecho da Lei nº 51, vamos encontrar: “... até onde abranger os terrenos divididos em lotes da fazenda Santa Eulália” Mas nesse “Código Municipal”, o Art. 246 determina o nome das ruas e praças da cidade e nele vamos encontrar “Rua da Mantiqueira”, “Rua Dr. Oliveira Braga”, “Rua dos Operários” e “Rua São José”, justamente naqueles lotes citados na Lei nº 51.

Após a Revolução de 1930 é indicado para prefeito o sr. Antônio Pelúcio. Por intermédio do Decreto de 1-1-1932, de sua autoria, uma série de considerandos, estabelece o Art. 10: “Fica creado o perímetro

suburbano para o bairro de S. José, com os seguintes limites: começa na rua S. José, com continuação das ruas Mantiqueira, Cel. Pederneiras e Operários e suas travessas”. O que era urbano (Lei de 1913) passou a suburbano (Decreto de 1932).

Isso implica que a rua Cel. Pederneiras teve este nome após o ano de 1915. Ela tem seu início na rua Com. Custódio Vieira e término na rua Joaquim Serafim Machado.

O Coronel Achilles Velloso Pederneiras foi o primeiro Diretor da F.P.S.F. Assumindo-a em 15 de março de 1909, teve uma administração rica de realizações. Em 1913, a Fábrica, participando da Exposição Internacional de Turim, na Itália, recebeu o “Grande Prêmio”. Indicado para Diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, deixou a direção do estabelecimento em 11 de março de 1915.

Notas da Cidade

☐ Aconteceu no dia 20-11, na praça João Pessoa, no DANDARA, atelier e Escola de Artes New Arts Eventos e Promoções, o evento “Negritude e Cidadania”, em comemoração à data da “Consciência Negra”. Comemoraram-se, também, os 304 anos da morte de Zumbi, símbolo da luta e resistência pela preservação da cultura e da raça negra. Foram exibidos dois vídeos – Retrato em preto e branco e Quando o crioulo dança – sobre os quais ocorreram palestras e debates.

☐ Foi eleita para a Academia Cristã de Letras, de São Paulo, a Profa. Dóli de Castro Ferreira. Ela ocupará a cadeira nº 31, que tem como patrono o Prof. Dr. Aroldo de Azevedo e cujo ocupante anterior foi o também piquetense Professor Paulo Pereira dos Reis. A Fundação Christiano Rosa sente-se orgulhosa com o reconhecimento dado à nossa colaboradora.

☐ A FCR recebeu a visita, no dia 31-10, do Sr. Nilton Tatto, da Sra. Marina Kahn, Secretários Executivos do Instituto Sociambiental - ISA, do Sr. João Paulo Capobianco, Coordenador do Programa Mata Atlântica e do Sr. Sérgio Leitão, também do ISA. Na ocasião, o grupo visitou, acompanhado pelo Cel. Alfredo Araújo e pelo Presidente da FCR, Sr. Paulo Noia de Miranda, a Mata da IMBEL e lhe foram passadas informações sobre a FCR.

O motivo da visita é uma provável parceria do ISA com nossa entidade para a realização de projetos na área ambiental.

☐ A Fundação Christiano Rosa estará promovendo em dezembro, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, uma **Feira de Artesanato** e uma **Exposição de Presépios**.

Artesãos interessados em participar, entrem em contato com a FCR.

Profissão: Professor

Em 15 de outubro uma das mais importantes categorias de profissionais comemorou o seu dia: o Professor. A data, pouco divulgada nos meios de comunicação e, em função da tumultuada fase de transição por que passam a educação e o ensino em nosso país, merece uma séria reflexão.

É do conhecimento de muitos que a crise econômica e social que castiga o nosso país há alguns anos está impondo a muitos assalariados uma perda de status e, para um contingente enorme de trabalhadores, perda de dignidade e cidadania. Acreditamos que nesse embrólio sócio-econômico, lamentavelmente, os professores estão perdendo a dignidade, uma vez que o status há muito foi jogado por água abaixo. O curioso é que os governantes e os políticos afirmam – e isso é mais do que verdade – que o desenvolvimento de um povo passa, obrigatoriamente, pela educação.

Países como a Alemanha e o Japão, totalmente destruídos após a segunda grande guerra mundial, encontraram nos sérios investimentos em educação o caminho para o desenvolvimento, tornando-se, nos dias de hoje, grandes potências. A título de curiosidade, no Japão, face ao grande papel social dos professores no processo educacional e de ensino, estes são os únicos indivíduos para quem o imperador japonês inclina a cabeça em sinal de respeito e humildade. No nosso Brasil, a classe dos professores amarga baixos salários em salas de aula carentes de infra-estrutura educacional, em que alunos irrequietos comprometem a qualidade dos ensinamentos. Esse terrível quadro que vitima os professores deve ser revertido para que a sociedade saia ganhando. Para tanto, um conjunto de medidas, como elevação dos salários, recuperação física e material das escolas através da readequação dos espaços à realidade educacional, e presença firme e atuante dos pais junto aos filhos e à própria escola, em que o fortalecimento das APMs e dos Conselhos Municipais de Educação são prioridades, deveriam ser analisadas com profundidade. Com isso, acreditamos que estaremos resgatando em nosso país o professor, que tem a nobre missão de educar e ensinar e que, no fundo, é o grande responsável pelo progresso e o desenvolvimento de uma nação. Assim, se desejamos uma nação rica, séria, justa e respeitada, o professor tem que ser inserido de forma digna no contexto social de nosso país, de nosso Estado e de nosso município.

Ressaltamos que, na edição anterior, este Informativo, de forma brilhante, fez justa homenagem aos professores. Entretanto, como passei parcela considerável de minha vida em bancos escolares, acreditamos ser oportuno escrever algumas palavras sobre a profissão Professor, ao mesmo tempo em que deixamos registrado nossa gratidão e respeito.

Celso Colombo

**Prestigie os eventos
de Natal promovidos
pela F.C.R.**